



## **O processo de produção webjornalística audiovisual universitária: possibilidades e limitações para mudanças**

*The process of academic audiovisual  
web journalism production: possibilities  
and limitations for changes*

**Juliana Fernandes Teixeira**

Jornalista, doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL-UFBA), Salvador, BA- Brasil, e-mail: julianafernandesrj@yahoo.com.br

### **Resumo**

Estudar o processo de produção jornalística é fundamental na contemporaneidade, quando os meios de comunicação, sobretudo os baseados no ciberespaço, são marcados por uma reestruturação tecnológica contínua e profunda, alterando o funcionamento das fases produtivas. Esse panorama nos impele a observar as principais possibilidades e limitações para tais mudanças no processo de produção. Uma vez que as experiências de webjornalismo audiovisual universitário se apresentam como iniciativas que buscam produzir conteúdos jornalísticos diferenciados, o objetivo do presente artigo é verificar se

**Palavras-chave:** Jornalismo digital. Webjornalismo audiovisual. Webtvs universitárias. Processo produtivo jornalístico. Produção webjornalística audiovisual.

e quais transformações esse novo tipo de produto gera no processo de produção jornalística. Para isso, na primeira seção, abordamos o jornalismo como produção processual. Em seguida, discutimos a questão “Um novo produto, o mesmo processo?”. E, por fim, destacamos as principais possibilidades e limitações para mudanças no processo de produção webjornalística audiovisual universitária. A metodologia empregada foi a desenvolvida pelo Grupo de Jornalismo On-line da Universidade Federal da Bahia (GJOL–UFBA), que combina procedimentos quantitativos e qualitativos, bem como pesquisa de campo.

### **Abstract**

*Presently, it is essential to study journalistic production process, considering that the media, especially those based on the cyberspace, are marked by a continuous and profound technological restructuring, which changes the operation of the production phases. This perspective compels us to observe the main possibilities and limitations for such changes in the production process. Since the academic audiovisual web journalism experiences present themselves as initiatives which seek to produce distinguished content, the purpose of this paper is to verify which transformations, if any, this new type of product generates in the journalistic production. Therefore, in the first section, we approach journalism as being a procedural production. After that, we discuss the question “A new product, the same process?”. Lastly, we highlight the main possibilities and limitations for changes in the process of academic audiovisual web journalistic production. The methodology used in this research was developed by the On-Line Journalism Group of Federal University of Bahia (GJOL–UFBA), which combines quantitative and qualitative procedures, as well as field research. tablets and their lexias as a social and interactive, not technocentric, according to the theories of CESM model, Mario Bunge (2004).*

**Keywords:** *Digital journalism. Audiovisual web journalism. Academic web television. Journalistic production process. Audiovisual web journalistic production.*

## Introdução

Embora já existam diversos estudos sobre as regras e as condições de produção da televisão, ainda não se verifica o mesmo no webjornalismo audiovisual universitário. Pesquisas sobre essa temática tornam-se fundamentais na contemporaneidade, quando os meios de comunicação, sobretudo os baseados no ciberespaço, são marcados por uma reestruturação tecnológica contínua e profunda, alterando de maneira significativa o funcionamento de todas as fases produtivas (MASIP, 2008).

Segundo Machado (2001), está certo que não devemos focar só nesse aspecto produtivo, pois corremos o risco de nos afastarmos dos trabalhos audiovisuais efetivamente produzidos. Mas, também não podemos ignorar a importância do estudo dos novos processos de produção que têm emergido no jornalismo audiovisual praticado no ciberespaço, até porque é a partir da compreensão do perfil produtivo que apreendemos melhor o planejamento e a implantação dos programas (SOUZA, 2004). É conhecendo as formas empregadas pelos profissionais para processar a informação que podemos entender a razão de os conteúdos jornalísticos serem como são (PERALTA, 2005). Conforme alerta Boczkowski (2004), uma análise com foco exclusivo em seus produtos apresenta riscos que podem ser superados por uma ênfase no processo, a qual, por sua vez, contribui para tornar mais visíveis as práticas em curso decorrentes das mudanças tecnológicas.

Com isso, não estamos considerando as tecnologias digitais como o aspecto mais importante do processo produtivo no ciberespaço. Pelo contrário: a produção é caracterizada pela sua natureza social e inventiva, que não se identifica com qualquer forma de automatismo.

A invenção compendia num ato criador que exige fundamento social para ocorrer. [...] O motivo encontra-se no fato de somente a sociedade ser a depositária, pela cultura acumulada, dos instrumentos que possibilitarão à imaginação criar nova ação, uma técnica ou um método, e realizá-la, submetendo-a à prova da prática, que confirmará exclusiva e autenticamente o caráter inventivo da concepção interior (PINTO, 2005, p. 485)

Especificamente no campo do jornalismo, Masip (2008) endossa esse ponto de vista ao sustentar que a introdução de qualquer nova tecnologia contribui para a transformação das práticas jornalísticas vigentes e para a criação de outras, mas sempre em conjunto com o

desenvolvimento de novas habilidades jornalísticas. A digitalização permitiu, por exemplo, a descentralização da produção, bem como possibilitou o armazenamento de grandes quantidades de informação que podem ser tratadas, gerenciadas e recuperadas com facilidade e agilidade pelos jornalistas.

A relação entre as tecnologias digitais e novos processos produtivos torna-se, portanto, evidente, o que nos impele a observar como isso tem ocorrido no âmbito do webjornalismo audiovisual universitário. O objetivo deste artigo<sup>1</sup> é verificar se e quais transformações os produtos web-jornalísticos audiovisuais universitários geram no processo de produção jornalística. Antes, contudo, é relevante destacar o fato de que o jornalismo se constitui enquanto um processo de produção já reconhecido e legitimado por diferentes pesquisas acadêmicas.

#### O jornalismo enquanto produção processual

Na década de 1970, emergiu um novo paradigma da investigação acadêmica sobre o jornalismo: as teorias construtivistas, que concebem o papel do jornalista dentro de um processo de produção da notícia (*newsmaking*), isto é, compreendem esse profissional como um construtor da realidade a partir da institucionalização da sua própria função e de determinados mecanismos de produção (ALSINA, 2009; ROSHCO, 1975; SCHUDSON, 1978; TRAQUINA, 2005; TUCHMANN, 1978). Essa linha de pesquisa retoma a tradição fundada por Robert Park nos anos 1920, e hoje se constitui uma das vertentes de investigação científica mais adequadas para abordar, a partir de uma perspectiva acadêmica, a realidade prática e teórica dos meios de comunicação audiovisuais (PERALTA, 2005). As teorias construtivistas defendem que o jornalismo é o resultado de um processo de produção definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os fatos) num produto (as informações jornalísticas) (VIZEU, 2005).

Isso não significa que o jornalismo seja ficção. Bird e Dardenne (1993) classificam as notícias como narrativas, produto de uma construção cultural, mas que não perdem o seu valor de correspondentes da realidade exterior. Embora não seja ficção, em acordo com as teorias

<sup>1</sup> Este artigo é uma adaptação do terceiro capítulo da dissertação da autora, baseada na metodologia do GJOL-UFBA, que combina procedimentos quantitativos e qualitativos, bem como pesquisa de campo.

construtivistas, o jornalismo tampouco é um “reflexo da realidade” por três principais razões: 1) é impossível estabelecer uma distinção entre a realidade e as organizações jornalísticas porque as notícias ajudam a construir a própria realidade; 2) a linguagem não pode funcionar como transmissora direta da realidade, porque a linguagem sem interpretação é impossível; e 3) a organização jornalística estrutura inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos (TRAQUINA, 2005). Segundo Tuchmann (1978), o ato de noticiar é o ato de construir socialmente a própria realidade mediante ocorrências do mundo, em vez de um retrato da realidade. Ou seja, o trabalho jornalístico transforma acontecimentos em eventos noticiosos e inspira-se em aspectos do cotidiano para narrar histórias e apresentá-las a nós mesmos. Como destaca Vizeu (2005), as notícias são uma construção social em que os discursos se constituem da materialização de diferentes operações.

É, portanto, dos processos produtivos, paralelamente à cultura profissional dos jornalistas e à organização do trabalho, que emergem os conteúdos jornalísticos. Toda essa estrutura faz que o jornalista seja parcialmente autônomo, já que tem a obrigação de seguir um padrão<sup>2</sup> de produção e uma concepção coletiva de que assuntos merecem ser noticiados (SODRÉ, 2009). Trata-se da institucionalização de um processo objetivo para dar conta de um trabalho subjetivo (PICCININ, 2007).

Nos conteúdos audiovisuais, as características do jornalismo enquanto uma produção processual talvez sejam ainda mais explícitas. É verdade que as imagens transmitem uma maior sensação de “reflexo da realidade”, mas, por causa das próprias condições técnicas de produção, o jornalismo audiovisual é uma reconstrução da realidade a partir das perspectivas de diferentes profissionais: do repórter, do cinegrafista, do editor, entre outros. Esse tipo específico de jornalismo se constitui, tradicionalmente, como um trabalho fragmentado, com diversos jornalistas agindo de forma paralela e/ou em conjunto, quase sempre em um ritmo de produção mais acelerado que o exigido das demais formas de expressão. Em outras palavras: as interferências diversas na atividade de construção coletiva do jornalismo audiovisual, ainda que variem em função de diferentes graus de competência profissional, níveis de poder e possibilidades de utilização do tempo (TEMER, 2010), evidenciam que o jornalismo é, de fato, um complexo processo de produção.

<sup>2</sup> Em acordo com Squirra (1993, p. 45), consideramos o padrão de produção como o estabelecimento de procedimentos internos e de equipes capazes de executar tarefas com regularidade.

Na sociedade contemporânea, sobretudo diante das potencialidades do contexto digital, há a possibilidade de exposição cada vez maior do processo produtivo, o que se transforma em uma tendência inovadora, uma vez que, tradicionalmente, os meios de comunicação, no seu início, tornam opacos os procedimentos de produção e, quando evoluem, almejam a ocultação ou a transparência desse processo (GOSCIOLA, 2003). Isso revela que algumas mudanças têm sido verificadas no processo de produção do jornalismo audiovisual no ciberespaço, mesmo que diversas continuidades ainda possam ser percebidas, conforme será apresentado na seção a seguir.

### **Um novo produto, o mesmo processo?**

As potencialidades oferecidas pelo ciberespaço permitem transformar os modos de produzir e consumir conteúdos jornalísticos (LE MOS, 2004). Mudanças dessa magnitude requerem novas estratégias comunicativas, adaptadas ao contexto em que estão inseridas e às mensagens informativas transmitidas. Porém, tais transformações não são facilmente identificáveis, sobretudo quando nos referimos aos efeitos a longo prazo, surpreendentes e involuntários do uso das tecnologias digitais (BRIGGS; BURKE, 2004).

Por um lado, não podemos negar que, diante das múltiplas capacidades da *web*, o ciberjornalismo tem sido tímido no que se refere à criatividade e à inovação nos produtos e processos jornalísticos (ALVES, 2006). É preciso diferenciar o potencial tecnológico da Internet e a realidade de seu desenvolvimento e exploração. Até porque, a disponibilidade de uma tecnologia não necessariamente implica na sua adoção, muito menos garante que essa adoção seja imediata; além disso, é possível que a utilização de determinada tecnologia seja diferente do uso para o qual foi concebida (MASIP, 2008). Em geral, a estrutura e o fluxo de um *site* jornalístico ainda se assemelham aos das organizações jornalísticas tradicionais, embora exista a probabilidade de mudanças mais expressivas na apuração, na produção e na apresentação dos conteúdos em um futuro próximo (BOCZKOWSKI, 2004; STOVALL, 2004). Por outro lado, não devemos ignorar ou minimizar os avanços já empreendidos no processo de produção do jornalismo audiovisual no ciberespaço, porque isso evidenciaria um desconhecimento sobre o efetivo processo de desenvolvimento de inovações.

Segundo Pinto (2005), é preciso compreender o caráter contraditório da ação do homem sobre a natureza. A continuidade de determinados

aspectos, apesar do progresso tecnológico, é simultânea a saltos qualitativos, os quais geram inovações no processo produtivo existente até então. Quando ocorre um desses saltos, o sistema de produção constituído pelo trabalhador e pela máquina tem seu sentido modificado de maneira recíproca. Mas, quando as mudanças acontecem sem qualquer alteração qualitativa do regime de relações de produção, só geram modificações superficiais, gerando nos trabalhadores a ilusão de melhora no regime de trabalho. Ou seja, quando não há um salto qualitativo que implique em alguma transformação no processo de produção, a mudança se restringe ao manejo de instrumentos aperfeiçoados e de manuseio menos penoso.

No entanto, essas mudanças qualitativas exigem tempo. É comum, conforme sustenta Tunstall (1993), que o modo de trabalho dos profissionais se mantenha por um período, independentemente da estrutura da organização jornalística. Cabe destacar, ainda, que a transformação qualitativa, em geral, é decorrente da ampliação e desenvolvimento de uma mudança quantitativa (MACHADO, 2003). É a predominância de mudanças quantitativas em detrimento dos saltos qualitativos que tem gerado a impressão de que o webjornalismo não produz alterações no processo de produção tradicional.

As inovações no jornalismo, portanto, não podem ser buscadas apenas por meio de investimentos tecnológicos; precisam ser caracterizadas também por mudanças no processo de trabalho dos jornalistas, assim como na produção dos conteúdos (BOCZKOWSKI, 2004). Franciscato (2010) aponta três tipos de inovações necessárias ao jornalismo contemporâneo: a inovação tecnológica, a organizacional e a social. É possível afirmar que as experiências de webjornalismo audiovisual universitário procuram realizar esses três tipos de inovações: buscam empreender experimentos tecnológicos valendo-se do emprego diferenciado dos equipamentos de que dispõem; experimentos organizacionais, a partir de um modelo de gestão em que os estudantes dispõem de expressiva autonomia; e sociais, por meio da veiculação de conteúdos diferenciados, os quais buscam atender a diversos setores sociais, e das tentativas, ainda que tímidas, de promover a interatividade com os usuários.

Por outro lado, as continuidades observadas também foram múltiplas. Ainda não há uma efetiva redistribuição dos poderes de controle do conteúdo entre todos os membros do sistema produtivo, a qual considere os usuários fontes e produtores de informações (MACHADO, 2003; SODRÉ, 2009). Mesmo que existam experimentos como os das reportagens especiais, que revelam um aproveitamento das possibilidades da Internet, os recursos da hipertextualidade, por exemplo, não são

explorados em sua totalidade e têm sido incorporados de forma lenta e gradual (DEUZE, 2004; PAVLIK, 2008; SALAVERRÍA, 2005). De acordo com Mielniczuk (2003), ainda não dispomos de padrões consolidados com relação à exploração dos recursos da *web* no jornalismo, refletindo um momento de experimentações.

Atualmente, no ciberespaço, é possível constatar que são percorridas as mesmas etapas de produção do jornalismo audiovisual tradicional: apuração, produção, edição e circulação. O que muda é a maneira como essas etapas são executadas pelos jornalistas, a partir das competências e habilidades que esses profissionais possuem (BACCO, 2010). Ou seja, hoje, ainda estamos falando em etapas tradicionais do jornalismo, mas em um contexto diferenciado, mais acelerado, que exige, por exemplo, mais habilidade de quem exerce a função de editor, só que com menos tempo disponível para aprender a exercê-la (SOSTER, 2006). Isso significa que vivenciamos um processo de transição das transformações quantitativas para as qualitativas, as quais, contudo, ainda não se efetivaram como salto, gerando inovações expressivas.

Não é possível, nesse momento, indicar quanto tempo será necessário para que ocorram saltos qualitativos no webjornalismo audiovisual, até porque nem todas as mudanças ocorrem no mesmo ritmo. O que podemos afirmar é que não será um processo guiado pelo progresso tecnológico intenso dos últimos anos. Embora as tecnologias funcionem como importantes fatores de transformação social, sempre dependem do curso que os homens imprimem à sua trajetória, a fim de atender às necessidades sociais e de produção (PINTO, 2005). Como alerta Jenkins (2008), nessa era de transição midiática, as direções são imprecisas e os resultados imprevisíveis, já que são marcados por sinais confusos e interesses conflitantes.

Embora seja comum a impressão de que as mudanças estão ocorrendo cada vez mais rápido, Fidler (1997) chama atenção para a “regra dos 30 anos”, a qual enuncia que três décadas são necessárias para que novas ideias sejam totalmente absorvidas por determinada sociedade. Portanto, diante dos desafios das tecnologias emergentes, a lentidão da mudança é a regra e não a exceção, o que justifica algumas das dificuldades enfrentadas pelas iniciativas de webjornalismo audiovisual universitário para inovar no que se refere ao processo de produção. Para Fidler (1997), a regra dos 30 anos pode não ser infalível, mas, ao menos, nos insere em uma perspectiva mais realista diante das novas tecnologias de comunicação.

A consolidação do webjornalismo audiovisual requer o desenvolvimento de práticas jornalísticas renovadas e mais eficazes, que explorem



novas formas de apuração, produção, edição e circulação dos conteúdos informativos no ciberespaço (URETA, 2007). Para isso, devemos levar em conta a relação entre os modos de ver, fazer e usar proposta por Palacios (2003, p. 7): “Sem que se ampliem os modos de ver, o fazer e o usar tendem a continuar ancorados às artes do passado”. O papel das experiências acadêmicas de webjornalismo audiovisual é, portanto, cada vez mais fundamental, na medida em que podem gerar e incentivar modos de ver diferenciados nos futuros profissionais, permitindo a emergência de fazeres e usos inovadores diante das tecnologias digitais, mesmo que de uma maneira (ainda) não qualitativa. De qualquer forma, entretanto, é preciso considerar que essas mudanças não ocorrem de forma uniforme, linear ou unidirecional: no webjornalismo audiovisual universitário contemporâneo, ao mesmo tempo em que se apresentam novas possibilidades, emergem novas limitações.

### **Possibilidades e limitações para mudanças**

As transformações do jornalismo no contexto digital não são simples ou unidimensionais: dependem de um conjunto de variáveis econômicas, organizacionais e culturais, impulsionadas por diferentes aplicações tecnológicas, o que influencia a intensidade, a extensão e a forma na qual as mudanças são possíveis (CASTELLS, 2003; PAVLIK, 2001; QUINN, 2005). Como destaca Ayerdi (2002), a Internet não está alterando só os meios de acesso à informação, o modelo tradicional de comunicação e as organizações jornalísticas, mas também o perfil do jornalista.

Por isso, é preciso que os estudos acadêmicos sobre o webjornalismo estejam atentos às distintas questões que o contexto digital apresenta: novas modalidades de produção, transformações nos sistemas de difusão e maneiras diferentes de recepção são alguns dos exemplos indicados por Herreros (2003). Deuze (2004) alerta que esses elementos devem ser considerados de modo combinado, já que as atividades dos jornalistas têm moldado e estão sendo moldadas pelos diferentes contextos envolvidos no jornalismo contemporâneo. Pode-se observar, por exemplo, um processo de influência mútua na construção das narrativas audiovisuais, as quais mesclam características dos telejornais e do webjornalismo audiovisual em modelos híbridos de produção de informação (BECKER; MATEUS, 2010). Hoje, vivenciamos mudanças mais complexas do que alguns imaginavam e o processo de produção jornalística precisa ser repensado dentro dessa nova configuração.

É verdade que, no jornalismo, algumas atividades provavelmente nunca irão mudar – entre elas, checar os fatos, buscar fontes idôneas e aderir aos principais padrões deontológicos (PAVLIK, 2001). Mas, diante das tecnologias de comunicação, em especial as da Internet, será inevitável que algumas estruturas e processos mudem, seja para melhor ou pior. Com o passar do tempo, toda profissão ou ofício sofre modificações, e o trabalho jornalístico não é exceção (WARREN, 1975). A partir da emergência do ciberespaço, esse processo de mudança tem se intensificado, na medida em que o componente tecnológico torna-se determinante para a definição operacional do webjornalismo, exigindo que os jornalistas realizem a apuração, a produção e a edição de informações exclusivas para a *web* (BARDOEL; DEUZE, 2001).

É importante considerarmos, porém, que as tecnologias digitais podem desencadear duas formas de utilização das redes telemáticas nessas diferentes etapas do jornalismo: 1) as redes como uma ferramenta auxiliar para oferecer aos jornalistas conteúdos complementares aos coletados pelos métodos tradicionais; e 2) as redes enquanto um ambiente diferenciado com capacidade de gerar uma nova modalidade de jornalismo, em que todas as etapas de produção estão circunscritas às fronteiras do ciberespaço (MACHADO, 2003). Embora as iniciativas de webjornalismo audiovisual universitário ainda não realizem mudanças qualitativas profundas nas etapas do processo de produção em si, conforme mencionado anteriormente, já se aproximam mais do segundo modelo de emprego das redes telemáticas, evidenciando que tudo pode ser uma questão de tempo e de aprofundamento das pesquisas e experimentações.

Essa busca por novas formas de apropriação das tecnologias digitais pelo webjornalismo torna-se cada vez mais essencial e urgente, uma vez que é fundamental o desenvolvimento de um processo produtivo adequado às particularidades do jornalismo praticado no ciberespaço. Alsina (2009) alerta que cada meio deve procurar sua própria identidade, particularidade e especificidade de funções. Para isso, talvez, a aplicação de cânones padronizados estabelecidos para os meios tradicionais não seja adequada ou realista para o webjornalismo, pois não leva em consideração, por exemplo, que na Internet qualquer participante está apto a ser produtor e receptor de mensagens (MACHADO, 2003). Ayerdi (2002) defende que o campo da comunicação precisa enfrentar o desafio de adaptação das organizações e dos modos tradicionais de jornalismo aos formatos e ferramentas que a rede impõe.

Para inovar, gerando processos de produção webjornalística diferenciados, precisamos que os jornalistas e demais profissionais envolvidos na realização de um programa aliem criatividade e imaginação. Segundo Brittos e Bolaño (2007), os novos meios devem encontrar modelos que estimulem uma produção diferenciada e o surgimento de novos realizadores.

O futuro do jornalismo digital passa pela ruptura com o passado e com a migração plena para o ciberespaço [...]. Uma ruptura que, sem deixar de incorporar os conhecimentos acumulados ao longo de quatro séculos, parte do pressuposto que [...] um jornalista dos meios convencionais parece um foca no mundo das redes (MACHADO, 2003, p. 12-13).

Nesse último ponto, as experiências de webjornalismo audiovisual universitário também se encontram à frente, pois buscam formar os futuros profissionais já com base nas exigências e habilidades inerentes ao exercício do jornalismo no ciberespaço. Além disso, procuram incorporar ao seu processo produtivo, se não todas, grande parte das especificidades do webjornalismo: interatividade, convergência, personalização, hipertextualidade, memória, imediatismo, multimídia e atualização constante (PALACIOS, 2002; PAVLIK, 2001; SALAVERRÍA, 2005; STOVALL, 2004).

Consideramos que, na Internet, é preciso, portanto, buscar explorar as diferentes possibilidades digitais na produção, o que não significa que a qualidade de um conteúdo informativo dependa exclusivamente do emprego desses recursos. Salaverría (2005) ressalta que um conteúdo jornalístico pode possuir qualidade sem recorrer à hipertextualidade, à multimídia ou à interatividade e, por outro lado, uma produção jornalística com muitos desses recursos pode não ter qualquer valor informativo. No entanto, o uso das potencialidades da Internet revela uma adequação às novas mídias que merece ser considerada. E não apenas de maneira isolada. Como sustenta Palacios (2002), o webjornalismo encontra sua especificidade não só no emprego de cada um dos recursos mencionados, mas sobretudo na combinação de, pelo menos, algumas dessas características potencializadas, gerando novos efeitos.

Está certo que as tecnologias digitais oferecem novas possibilidades, permitindo ao jornalismo superar velhos desafios, mas não eliminam algumas de suas limitações, as quais se apresentam talvez de uma forma ainda mais dramática diante das potencialidades da Internet. Um exemplo é a crescente redução do tempo disponível para a produção

jornalística, em razão principalmente da exacerbação da necessidade de produzir e distribuir informações em “tempo real” (PERALTA, 2005). Isso nem sempre é benéfico para os conteúdos jornalísticos, podendo gerar erros de apuração, entre outros problemas.

Outras limitações que devemos considerar são decorrentes do próprio caráter acadêmico das experiências de webjornalismo audiovisual universitário. Segundo Magalhães (2002), são múltiplas as formas de produção de conteúdos audiovisuais universitários e a escolha de determinada forma condiciona a programação e os programas. Mas, nem sempre, o emprego de um processo de produção específico é uma simples escolha, pois, de acordo com Brasil (2002), a relação entre o audiovisual e a academia em geral é, no mínimo, delicada. Priolli (2004) endossa essa perspectiva ao afirmar que, “poucas organizações são tão distintas entre si, no *modus operandi*, quanto uma televisão e uma universidade. O dramático contraste entre elas resulta em problemas altamente complexos, quando se trata de inserir uma no organograma funcional da outra”.

Como aponta Porcello (2002), a produção audiovisual universitária enfrenta cinco tipos de desafios no Brasil: editoriais, administrativos, financeiros, técnicos e políticos. Todos esses desafios condicionam o processo de produção do webjornalismo audiovisual universitário, porque dificultam questões não apenas referentes a equipamentos, mas também à configuração da equipe. Exemplo disso é a constatação de que a obtenção de recursos pelas experiências acadêmicas de webjornalismo audiovisual ocorre em particular mediante editais públicos (sobretudo nas iniciativas realizadas em universidades públicas); outro exemplo é o fato de que essas equipes são formadas essencialmente por bolsistas, monitores ou voluntários, ou seja, por alunos que não recebem uma remuneração compatível ao mercado, mesmo que ocupassem cargos de estagiários nas organizações jornalísticas tradicionais.

Outra questão que deve ser considerada ao abordar iniciativas acadêmicas é o período de férias das universidades, o que compromete a regularidade da produção das experiências de webjornalismo audiovisual universitário. Não afirmamos com isso que, durante esses períodos, ocorra uma queda na qualidade dos produtos jornalísticos. Pelo contrário, verificamos a constante busca por alternativas para evitar que as férias prejudiquem os conteúdos, apesar da escassa e, em alguns casos, nenhuma produção de novos vídeos. Observamos, por exemplo, estratégias como a publicação de vídeos atemporais ou “especiais” sobre

as férias, e de comunicados, ao menos, informando o internauta sobre o recesso.

Praticamente as mesmas considerações podem ser aplicadas ao processo de produção nos finais de semana. Não é comum que as iniciativas de webjornalismo audiovisual universitário funcionem aos sábados e domingos, o que diminui o ritmo, mas não compromete a qualidade dos conteúdos dos *sites*. A única diferença é que, nesse caso, não há qualquer tentativa — até porque não há necessidade — de disponibilizar comunicados ou reportagens atemporais e/ou especiais.

No webjornalismo audiovisual universitário, o processo de produção também é influenciado pelos compromissos dessas experiências com o ensino, a pesquisa e a extensão. Conforme destaca Porcello (2002), o ensino é a difusão do saber acumulado; a pesquisa é a preocupação com a investigação e a reflexão; e a extensão é a articulação com a sociedade. Esses compromissos fazem que a temporalidade da universidade seja distinta da verificada no jornalismo tradicional, já que se constituem como instâncias diferentes, com objetivos divergentes. Isso não significa, porém, que aliar a produção jornalística e a academia é impossível. Conforme já explicitado, isso não só é possível, como também é necessário, a fim de produzir conteúdos diferenciados; mas não devemos esperar que o ritmo e a temporalidade dessa produção sejam compatíveis aos praticados no mercado.

O compromisso com o ensino, por exemplo, faz com que o processo de produção do webjornalismo audiovisual universitário seja mais lento, visto que os alunos precisam de mais tempo que um profissional para executar tarefas como gravação e edição dos vídeos. Embora a responsabilidade com o ensino retarde o processo de produção webjornalística audiovisual universitária, não estamos apontando-a como um problema ou limitação. Em vez disso, procuramos indicá-la como uma questão que deve ser considerada, até por ser intrínseca e necessária a qualquer iniciativa de webjornalismo audiovisual universitário.

Todas as particularidades das experiências acadêmicas de webjornalismo audiovisual indicadas até aqui, ao mesmo tempo em que impõem limitações, se apresentam como potencialidades, revelando, mais uma vez, o caráter contraditório e paradoxal de toda prática humana. Não devemos, de forma alguma, acreditar que a característica universitária dessas iniciativas apenas lhes impõe restrições. Pelo contrário, a condição de não depender de verbas publicitárias, apenas para citar um exemplo, permite um ritmo próprio de produção de conteúdos jornalísticos

audiovisuais que pode incitar à reflexão e ao uso de fontes alternativas, entre outras possibilidades.

### Considerações finais

As tecnologias digitais apontam a emergência de novos processos produtivos no jornalismo. Conforme aponta Rincón (2002), a Internet fornece ferramentas que estão mudando a forma como os programas são produzidos e exigindo novos processos de produção das mensagens que empreguem ou, pelo menos, se inspirem nas tecnologias digitais. Trata-se, portanto, de questionar e contrastar os processos já elaborados a partir das novas potencialidades do ciberespaço.

Mas, embora a inovação seja possível e provável diante das especificidades do ambiente digital e das temáticas abordadas por meios de comunicação universitários, segundo Herreros (2003), não podemos, nem é adequado, promover um distanciamento excessivo dos modelos tradicionais de produção, de modo que as novas formas sejam viáveis dentro do sistema informativo. As continuidades e rupturas verificadas nas iniciativas de webjornalismo audiovisual universitário se configuram, nesse sentido, como essenciais, até porque ocorrem nesses ambientes mais propícios para tal espécie de experimentações.

### Referências

- ALSINA, M. **A Construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ALVES, R. Jornalismo Digital. **Comunicação & Sociedade**, n. 9/10, p. 93-102, 2006.
- AYERDI, K. Un nuevo tipo de profesional llama a las puertas del periodismo. **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 51, jun./sept. 2002. Disponível em: <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/2002mesojunio5103.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2009.
- BACCO, T. **Televisão universitária online**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- BARDOEL, J.; DEUZE, M. Network Journalism. **Australian Journalism Review**, v. 23, n. 2, p. 91-103, 2001.

BECKER, B.; MATEUS, L. O melhor telejornal do mundo. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 127-156.

BIRD, E.; DARDENNE, R. Mito, registo e estórias. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993. p. 263-277.

BOCZKOWSKI, P. **Digitizing the news**. Cambridge: MIT Press, 2004.

BRASIL, A. **Telejornalismo, Internet e guerrilha tecnológica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRITTOS, V.; BOLAÑO, C. **A Televisão Brasileira na Era Digital**. São Paulo: Paulus, 2007.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DEUZE, M. What is Multimedia Journalism? **Journalism Studies**, v. 5, n. 2, p. 139-152, 2004.

FIDLER, R. **Mediamorphosis**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

FRANCISCATO, C. Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 7, n. 1, p. 8-18, 2010.

GOSCIOLA, V. **Roteiro para as novas mídias**. São Paulo: Senac, 2003.

HERREROS, C. **Información televisiva**. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LE MOS, A. Cibercultura e mobilidade. **Razón y Palabra**, v. 9, n. 41, oct./nov. 2004. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n41/alemos.html>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

MACHADO, E. **Ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Florianópolis: Calandra, 2003.

MAGALHÃES, C. **Manual para uma TV universitária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MASIP, P. **Internet a les redaccions**. Barcelona: Trípod, 2008.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato na notícia na escrita hipertextual. 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

PALACIOS, M. **Jornalismo Online, informação e memória**. 2002. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaomemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf)>. Acesso em: mar. 2008.

PALACIOS, M. Um prefácio com muitas maiúsculas. In: MACHADO, E. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Florianópolis: Calandra, 2003.

PAVLIK, J. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PAVLIK, J. **Media in the digital age**. New York: Columbia University Press, 2008.

PERALTA, M. **Teleinformatius**. Barcelona: Trípodos, 2005.

PICCININ, F. **Veja a seguir**: a transição do telejornal entre a linha de montagem e a rede. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PINTO, Á. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. 1.

PORCELLO, F. **TV universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PRIOLLI, G. Televisão universitária: TV Educativa em terceiro grau. **Universia**, 26 ago. 2004. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/universitario/materia.jsp?materia=4843>>. Acesso em: 3 nov. 2009.

QUINN, S. **Convergent journalism**. New York: Peter Lang Publishing, 2005.

RINCÓN, O. Rumo a uma televisão pública experimental e prazerosa. In: RINCÓN, O. (Org.). **Televisão pública**: do consumidor ao cidadão. São Paulo: Projeto Latino-americano de meios de comunicação, 2002. p. 303-326.

ROSHCO, B. **Newsmaking**. Chicago: The University Chicago Press, 1975.

SALAVERRÍA, R. Hipertexto periodístico. In: MASIP, P.; JOSEP, R. (Ed.). **La utopia digital en els mitjans de comunicació**. Barcelona: Universitat Ramon Llull, 2005. p. 517-524.

SCHUDSON, M. **Discovering the news**. New York: Basic Books, 1978.

SODRÉ, M. **A Narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOSTER, D. Ainda estamos falando de jornalismo. In: FELIPPI, A.; SOSTER, D.; PICCININ, F. (Org.). **Edição em jornalismo**: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 13-16.



- SOUZA, J. A. de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.
- SQUIRRA, S. **Aprender telejornalismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- STOVALL, J. **Web journalism**. New Jersey: Pearson Education, 2004.
- TEMER, A. C. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **60 anos de telejornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 101-126.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.
- TUCHMANN, G. **Making news**. New York: The Free Press, 1978.
- TUNSTALL, J. **Television producers**. London: Routledge, 1993.
- URETA, A. The Challenge of online journalistic language to narrative forms. **Zer**, v. 12, n. 23, p. 41-61, 2007.
- VIZEU, A. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.
- WARREN, C. **Generos periodísticos informativos**. Barcelona: A.T.E., 1975.

Recebido: 31/01/2013

*Received:* 01/31/2013

Aprovado: 03/03/2013

*Approved:* 03/03/2013